



VILA VERDE EM SI

Quinzenário Regionalista

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE N.ª S.ª DO ALVIO

Director e Editor ANTÓNIO M. V. SOUSA

ASSINATURA :

Continente . 25\$00

Estrangeiro 40\$00

AVULSO . 1\$00

VISADO PELA CENSURA

Administração . Res. Paroquial de Prado — Tel. 9223 — BRAGA

Comp. e imp. na Tip. «Diário do Minho» — BRAGA

AVENÇA

MENSAGEM DO CHEFE DO ESTADO

Na sua partida para Moçambique, o Senhor Presidente da República dirigiu ao povo português esta mensagem:

«Nos anos de 1954 e 1955 visitei oficialmente as Províncias da Costa Ocidental da África. Chegou o momento de partir para Moçambique onde terei o grande prazer de viver durante um mês entre a população daquela portuguesa Província. Faço-o com interesse inextinguível, tanto mais que vou completar o ciclo de visitas que me propus realizar aos territórios africanos, para lhes levar as saudações fraternas de todos os homens e mu-

lheres das outras Províncias de Portugal. Desta vez vou ter, também, a satisfação de visitar a Federação das Rodésias e Niassalândia e a União da África do Sul, nossos vizinhos no Continente Africano com quem mantemos — e estreitamos mais ainda — laços de boa amizade e leal colaboração. Penso que todos os portugueses compreenderão quanto proveitosa será para o País a viagem que hoje tem início, e é essa convicção que me anima ao partir para tão grata como laboriosa missão».

General Craveiro Lopes

Por terras do Império

De visita a Moçambique, encontra-se naquela Província Ultramarina Sua Excelência o Presidente da República, onde tem sido alvo das mais patrióticas e entusiásticas manifestações por parte das respectivas populações, quer do elemento branco, quer do elemento indígena. Uns e outros têm dispensado ao venerando Chefe do Estado o melhor e o mais cativante acolhimento, testemunhando-lhe a sua fidelidade à Mãe Pátria e reconhecendo Sua Excelência como elo indestrutível de ligação entre o Continente e o Ultramar, onde palpita o coração da Pátria e onde se erguem Padrões de glória como preito de sincera e justa homenagem aos Portugueses de antanho.

De facto, entre à quem e além do Atlântico não existem barreiras que separem o coração e a alma dos Portugueses, unidos por um fraternal abraço que o decorrer dos anos e dos séculos tem conservado em íntima e sólida compreensão dos deveres cívicos de cada um. Portugal, que deu mundos novos ao mundo, abriu largos horizontes à humanidade e à civilização, espalhando por toda a parte a luz bendita das suas epopeias, gravadas em letras de ouro nas páginas da História e agraciadas com o triunfo da Fé e da Cruz. Não é, por isso, de estranhar que os Moçambicanos se sintam contentes e orgulhosos com a visita do Supremo Magistrado da Nação, assim como, igualmente, contentes e orgulhosos se sentiram os povos de Angola, da Guiné, de Cabo Verde e de S. Tomé e Príncipe quando Sua Excelência os visitou com a mesma intenção e a mesma finalidade que determinaram a sua visita a Moçambique, visto que todas são parcelas sagradas de uma Pátria una e indivisível, embora maus vizinhos de uma parcela mais distante pretendam afectar a nossa soberania.

Assim sucede com o que se tem passado e continua a passar na Índia, não obstante ser terra portuguesa, há mais de quatro séculos, à custa do heroísmo e da intemeridade dos Portugueses, designadamente daqueles que imortalizaram o seu nome na Agenda dos descobrimentos, contando-se entre esses Vasco da Gama, a quem se deve o descobrimento do caminho marítimo para aquela longínqua paragem do universo.

A Índia portuguesa constitui, pois, um tesouro sagrado do Património Nacional e não será o Sr. Nheru quem há-de dismantelar a integridade do solo português, tanto mais que não lhe assiste esse direito por mais que o proclame e por mais injusto que possa ser perante essa ambição de egoísmo absorvente e inqualificável, como, de resto, o reconhece todo o mundo livre e consciente.

E a propósito de tão vil e indiscreto atentado, são do Senhor

Continua na 6.ª página

Faz do teu trabalho

uma oração

Homem, que trabalhas com a mentalidade, com a pena, com a lima, com o arado, enfim, com todas as tuas faculdades e utensílios, considera na felicidade que, pelo trabalho, dia após dia, vais usufruindo, se souberes fazer dele a tua mais importante oração.

Não o tomes como jugo imposto pela implacável Justiça Divina. É certo que Deus, com o «comerás o pão amassado ao suor do teu rosto» imposto a Adão no Paraíso Terreal e transmitido a toda a espécie humana, de alguma maneira se serviu do trabalho, da dor e da morte, como castigo pela infidelidade da criatura ao Criador.

Mas, volvidos milhares de anos e ainda por causa de nós, envia Deus à terra o Seu Filho Unigénito Jesus Cristo, o qual, sendo Deus, se vem fazer nosso irmão. E para quê? Para uma mais completa felicidade Sua?

Não. Pois sendo Deus, a sua felicidade era ilimitada. «Apenas movido, pelo imenso amor que nos tem» envia Deus o Seu Filho. É preciso que este se faça criança, homem, sofra as agruras do tempo, e cansaço pelo trabalho, o sofrimento e a morte. É o amor inensurável e a misericórdia infinita do Altíssimo descrita em páginas de sangue, para remediar o crime do homem, a infidelidade pela desobediência ao seu mandato.

Consente pois que Cristo, sendo Deus, abraçando o trabalho, quis ser mais de perto teu irmão. Escolheu o trabalho não só inte-

(Continua na 6.ª página)

Consultas gratuitas

de Eczemas e Úlceras das pernas

Encontra-se entre nós, desde hoje, em serviço de inspecções, o distinto médico militar ex.º sr dr. Zózimo Soares Ramos, que num gesto digno do nosso maior reconhecimento dá consultas gratuitas aos pobres com doenças de pele e úlceras nas pernas.

Este distinto clínico, que permanecerá em Vila Verde até ao dia 28 do presente mês, consulta da parte no edifício das inspecções.

Apresentamos os nossos sinceros cumprimentos a s. ex.ª, a quem felicitamos pela atitude que tomou, em benefício dos pobresinhos.

Peregrinos e Peregrinações ao Alívio



Se o Santuário do Alívio não é hoje um Santuário Mariano de primeira grandeza, sê-lo-á em breve.

O desenvolvimento das obras para a construção de um maior e moderno templo é lento, devido à falta de recursos a desejar, mas felizmente, de ano para ano, vão aumentando, sendo também de notar a sua boa administração.

O número de peregrinos cresce, de dia para dia, e ali vêm agradecer, à Senhora do Alívio, as graças com que a Mãe de Deus os comulou e pedir-lhe mais graças, o alívio do corpo e da alma para os seus padecimentos e suas tribulações.

Incontestavelmente, é grande o número de devotos que vêm pôr, aos pés da Senhora, as ofertas das suas promessas e é pena que não seja tomada nota dos devotos que receberam graças e lhes seja dada publicidade, para honra da Mãe de Deus e estímulo dos crentes, que a Ela recorrem, nos momentos críticos, da sua vida.

Com respeito a peregrinações, graças a Deus, as freguesias do Arciprestado apresentam-se, irrepreensivelmente, acompanhadas dos seus párocos, das suas irmandades com as suas alfaías, dos seus membros da Acção Católica e em grande demonstração de fé. Mas, acorre-nos, aqui, uma sugestão ou convite, sem melindre para ninguém. Vinde todas e todos. Todas as freguesias do Arciprestado, devidamente organizadas e no dia próprio. Mas, se por qualquer circunstância, não for possível incorporarem-se, então venham todos, mesmo dispersos, peregrinos dessa freguesia, no dia da peregrinação, que Nossa Senhora lá nos espera para atender as nossas súplicas, receber o nosso muito obrigado, pelas graças, que nos concedeu e a todos distribuir as suas bênçãos.

B. D.

A Misericórdia de Vila Verde e o seu Hospital

Respiquemos ainda elementos relacionados com a sua fundação e história.

O número da "Folha de Vila Verde" correspondente a 18 de Setembro de 1943 trazia o seguinte artigo que merece arquivar-se:

"A Câmara Municipal de Vila Verde tem feito sacrifícios inauditos para poder aguentar com os pesados encargos do exercício da Assistência, embora rudimentar, que vem exercendo.

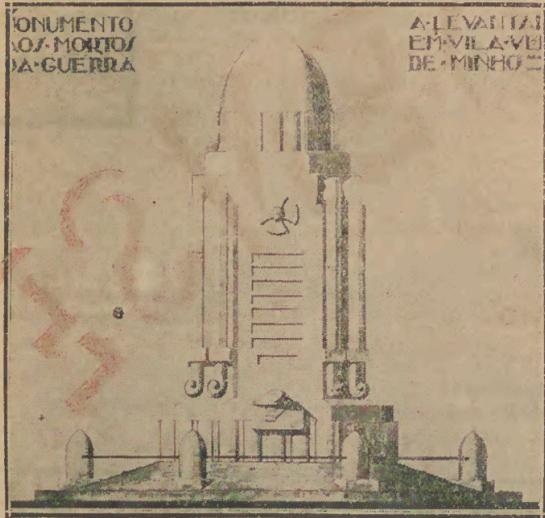
Em 1942, internou no Hospital de S. Marcos, de Braga, noventa e três doentes, quer dizer, os casos mais urgentes, ficando tanto miserável, em sua casa, sem assistência. A Câmara, só, pouco pode fazer. E o problema não se resolve com a instituição duma enfermaria em qualquer dos Hospitais existentes, pertencentes a outras Misericórdias, porque ficaria sempre como de início, com a fundação, sem mais cooperações; e a assistência não pode limitar-se ao internamento de doentes em hospitais. A acção dum hospital não é apenas exercida nas suas enfermarias, mas tem uma acção fecundíssima nos seus bancos ou postos de socorros, incomparavelmente superior à dum posto isolado, como o que possuimos actualmente.

Temos de criar uma obra muito nossa, adaptada às possibilida-

Continua na 5.ª página

DE VILA VERDE

Por terras do Pico de Regalados



Deliberação da sessão ordinária da Câmara Municipal do dia 9 de Agosto

Caminho do Lugar da Oliveira de Vila Verde - Turiz

Em abaixo assinado, os moradores do lugar da Oliveira, de Vila Verde, pedem que o caminho desse lugar a Turiz seja reparado. A Câmara mandou que o Capataz das obras dê a informação.

Posto Público do Telefone em Vila Verde

Armando Soares Neiva informa que deseja continuar como encarregado do Posto Público do telefone em Vila Verde, desistindo do seu pedido de exoneração.

Fonte do Salgueiral, em S. Martinho de Escariz

A Junta da freguesia de S. Martinho de Escariz pede subsídio para arranjo da ponte do Salgueiral, nessa freguesia. A Câmara mandou que o Capataz das obras dê informação e colha orçamento.

Seguro dos Bombeiros de Vila Verde

A Companhia de Seguros Comércio e Indústria enviou à Câmara duas actas, para assinar, referente ao seguro de acidentes pessoais a favor dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde, que já está efectuado.

Melhoramentos Urbanos em 1957 — Obras na Sede do Concelho

A Direcção de Urbanização do Distrito de Braga pede que a Câmara, urgentemente, envie a relação das obras de Melhoramentos Urbanos com vista ao Plano de 1957.

Entre outras obras, a Câmara indica a construção das Casas para os Magistrados, o arranjo das ruas da Sede do Concelho e a construção do coreto.

Exposição Agrícola de 1956 na cidade do Porto

A Comissão Organizadora da Exposição Agrícola de 1956, na cidade do Porto, pede a colaboração da Câmara com o Grémio da Lavoura na referida Exposição.

Obras em Escolas

A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais comunica que foram adjudicadas as obras de construção das seguintes escolas deste Concelho: Covas, Loureira e Sabariz.

Em telegrama o Senhor, Governador Civil, agradece a homenagem que as Câmaras do Distrito lhe promoveram.

A Câmara regosija-se com o êxito da manifestação.

Museu etnográfico do Império Português em Huíla Sá de Bandeira, Angola

A Comissão Organizadora do Museu etnográfico do Império Português em Huíla, pedem que a Câmara de Vila Verde forneça a representação deste Concelho, com as suas interessantes características etnográficas.

A «Jeira de Deus»

Em circular do Governo Civil indica o modo como deve ser feita a campanha da «Jeira de Deus» a favor da Misericórdia e quem são as pessoas que constituem a Comissão Municipal:

Presidente da Câmara, Provedor da Misericórdia e Presidente do Grémio da Lavoura; da Comissão Paroquial: Presidente da Junta de Freguesia, que presiderá; o Pároco, o Professor da Escola local, um representante da Lavoura a designar pelo Presidente do respectivo Grémio, um representante da Casa do Povo.

Caminha do Pelame ao lugar do Monte, em S. Paio do Pico

A Junta da freguesia de São Paio do Pico pede um subsídio para a reparação do caminho que vai do lugar de Pelame ao lugar do Quitão, comprometendo-se a Junta com o povo a fazer o aterro e carros de graça. Concedido o subsídio de 1.500\$00.

Licenças para Obras

Em Turiz, a Custódio Joaquim Barbosa, para reconstrução de um muro de vedação; em S. Cristóvão do Pico, a Emílio Soares, para altear uma casa junto do caminho público; em Cervães, a Manuel Alves, para abrir duas portadas junto da estrada municipal; em Mós, a Maria Amélia do Carmo, para construção de muro de vedação junto do caminho público.

Concedeu a Câmara assistência.

Avelino Gonçalves de Campos, da Laje, para internamento na Casa de Saúde de S. João de Deus, de Barcelos; a Joana de Barros, viúva, de Vila Verde, para consulta a oftalmologista em Braga; a Fernanda Gabriela Fernandes de Oliveira, de Atiães, para tratamento antirrábico, no Hospital de S. Marcos, em Braga.

De Sande

Nos dias sete e oito do corrente, pairou sobre esta freguesia uma grande trovoadas, ameaçadora de grandes prejuízos para a lavoura desta pequena povoação, mas, não prejudicou absolutamente nada, esperando-se um ano abundante especialmente das terras mais secas onde se encontram milhos prometedores como há muitos anos se não verificava.

Os lavradores desta freguesia estão convencidos de que Deus há-de abençoar os seus campos.

No dia da Ascensão de Jesus ao Céu vieram todos à igreja para assistir à hora santa, que se realizou com toda a solenidade e durante a mesma elevaram-se ao céu cápticos se orações a pedir ao Senhor que abençoasse os campos desta freguesia.

Cantaram-se as ladainhas e mais orações prescritas pelo respectivo ceremonial.

Que Deus nos dê um ano abundante para que os lavradores tenham alimentos para sustentar a casa agrícola e possam ainda distribuir pelos pobres que lhes batem à porta avultadas esmolas, ajudando a viver os desprotegidos da fortuna. Consta-nos, que algum granizo caiu nas freguesias vizinhas, mas os prejuízos são pequenos.

Diversas notícias

Partiu para férias o ilustre chefe da Secção de Finanças neste Concelho, senhor Nelson Pereira Cardoso.

— o —

Partiram para férias o senhor Dr. João Gonçalves Dias e Dr. Alexandre Herculano Martins Costa, ilustre Juiz e Delegado do Ministério Público em Vila Verde.

Batismo

No dia 22 do mês de Julho foi baptizado na Igreja Matriz de Vila Verde o menino Luís Manuel Cadillon Martins Costa, filho do senhor Dr. Alexandre Herculano Martins Costa, Delegado do Ministério Público nesta Comarca e de sua esposa D. Marília Branco da Fonseca Fontoura Madureira.

Campanha por um mundo rural melhor

No dia 11, às catorze horas, no salão paroquial de Vila Verde, houve uma sessão para a campanha por um mundo rural melhor.

Presidiu o Rev. do P.º Manuel Gonçalves Diogo, ladeado pelo presidente Arquidiocesano da JAC, senhor Jorge Dias de Araújo e pelos delegados concelhios senhora D. Glória Vilela Nogueira e Dr. Manuel Campos Pinto.

Os dois delegados concelhios fizeram a apresentação do conferente.

O senhor Jorge Dias de Araújo mostrou o plano da campanha. Procura levar o amor à terra, a santificação do trabalho rural, a preservação dos costumes, a extensão da organização da AC, e ainda promover um dia, em cada paróquia, em que seja feita a festa cristã das oferendas do trabalho rural a Deus.

Encerrou a sessão o Rev. do Pároco de Vila Verde que expôs a necessidade de dar mais vida aos organismos da A. C. no nosso Concelho.

Demonstrou a necessidade desta campanha, dado que, no Concelho de Vila Verde a fuga dos campos, tanto nos rapazes como nas raparigas, e deveras alarmante.

Torna-se urgente pôr diante de todos a beleza do trabalho rural, o que só o pode fazer a A. C.

Tomaram parte nesta sessão os organismos das Juventudes e das Ligas Agrárias de Atiães, Barbudo, Oleiros, S. Tiago de Carreiras, Coucieiro, Goães, Santa Marinha de Oriz, Fiscal, Rendufe e Goães.

Partida

No dia oito do corrente partiu para a cidade de Lisboa o nosso amigo, Manuel de Jesus Martins de Oliveira, assinante deste jornal. Fazemos votos a Deus para que este filho de Sande, que é um rapaz educado e cumpridor do seu dever, continue a dignificar a nossa terra, na capital, e que um dia volte à casa de seus pais com a mesma saúde física, intelectual e moral que actualmente embeleza a simpática pessoa do nosso querido amigo, que antes de se ausentar pediu que o seu jornal continue a vir para Sande para que seu pai continue a saber as várias notícias do nosso vasto concelho.

Agradecimento

R. c. bemos, há tempos, uma carta do nosso querido amigo, Agostinho da Silva Ferraz, brioso sandense que se encontra em Lisboa, a participar que conseguiu mais um assinante para o «Vilaverdense» e que conseguiria muitos mais entre os seus amigos, das freguesias vizinhas, se vissem as suas terras mencionadas no Vilaverdense. A administração já tem pedido várias vezes que haja alguém que mande notícias em todas as freguesias e algumas ainda não foram mencionadas. Mais uma vez se pede aos párocos o favor de disporem duns momentos para mandarem para a administração do «Vilaverdense» qualquer notícia que interesse ao bem da terra. Os que estão ausentes sentem grande satisfação em saber o que se passa nas suas aldeias como nos diz na carta o nosso distinto amigo acima mencionado.

Os nossos agradecimentos pelas palavras que nos dirigiu e esperamos que continue a ser um amigo do nosso «Vilaverdense», conseguindo mais assinaturas.

De Vilarinho

Vão muito adiantados os trabalhos do cemitério paroquial desta pequena povoação. Os nossos amigos Marcelino da Silva Vilela, Adelino Antunes da Cunha e Adelino António Baptista Peixoto, briosos membros da Junta, têm empregado os melhores esforços para que o cemitério fique mais ampliado e ao mesmo tempo com arte para satisfazer os criteriosos visitantes. Os nossos parabéns à Junta e ao estimado filho de Vilarinho, Eduardo Lima Martins, que no Rio de Janeiro conseguiu alguns milhares de escudos para se poder realizar esta obra cuja falta tanto se fazia sentir.

De Mós

No dia sete do corrente completou 82 primaveras o nosso venerando pároco, P.º João Alberto de Araújo, que há 34 anos preside aos destinos espirituais desta progressiva freguesia, encaminhando para Deus o povo que em boa hora lhe foi confiado. Durante estes 34 anos o nosso distinto pastor tem assistido a factos que mostram o bem que tem feito às almas, pois já teve a felicidade de assistir à missa nova de três paroquianos que, depois de vencidas todas as dificuldades da preparação sacerdotal, tiveram a felicidade de subir os degraus do altar e hoje são padres que têm encaminhado tantas almas para Deus. São o Rev.º P.º Joaquim António Alves, distinto pároco de S. Vicente da cidade de Braga, que tem exercido um excelente apostolado; o P.º Armindo José Alves e P.º João Cirilo de Araújo, respectivamente párocos de S. Tiago de Carreiras e Turiz, que têm honrado o sacerdotio católico pelo bom exemplo que têm dado e pelo acertado apostolado em favor das almas que lhes foram confiadas. Há ainda um seminarista, que já terminou o curso filosófico e que em Outubro vai ser matriculado em teologia. Este seminarista dá esperanças de vir a ser um padre cheio de eatividade, pois temos verificado o seu trabalho com as crianças da catequese, que tem preparado para as comunhões solenes, que se têm realizado na nossa igreja paroquial.

O nosso pároco rejubila e sente alegria indizível ao lançar uma vista sobre os 34 anos passados no nosso meio e, ao mesmo tempo, agradece ao Senhor o benefício de ter escolhido, neste pequeno jardim, três flores formosas para cantarem os seus louvores e faz votos para que daqui a quatro anos mais um paroquiano se suba os degraus do altar. Neste dia de festa para o nosso pároco e para todos os habitantes desta freguesia, fazemos votos ao Senhor para que este aniversário se repita por muitos anos.

Festa ao Sagrado Coração de Jesus

Como o «Vilaverdense» noticiou realizou-se nesta freguesia, com toda a solenidade, a festa em honra do Sagrado

do Coração de Jesus no dia 22 de Julho. Foi precedida dum tríduo de pregações confiadas ao pároco de Sande. O povo desta freguesia correspondeu ao chamamento de Deus e quase todas as pessoas se confessaram, pois, durante as solenidades, apesar da freguesia ser pequena, houve perto de 600 comunhões. As crianças foram preparadas para o acto mais importante da sua vida pelo seminarista da nossa freguesia, António Mota, que durante bastante tempo ensinou a doutrina cristã aos meninos e meninas da nossa terra.

Realizou-se esta festa com toda a solenidade para tomarmos parte nas comemorações jubilares em honra do Sagrado Coração de Jesus.

De Covas de Aboim

Realizou-se com toda a solenidade, no dia 5 do corrente, a festa em honra de Nossa Senhora das Neves, padroeira da nossa freguesia. No dia 1 começou o tríduo preparatório em honra da Senhora das Neves, pregado pelo pároco de Sande, que nos falou sobre a mensagem da nossa querida mãe do céu, feita aos pastorinhos da Cova da Iria e por intermédio deles a Portugal e ao mundo.

Durante o tríduo elevaram-se até ao trono de Deus os nossos cánticos e as nossas orações. O povo desta freguesia tem grande devoção à sua padroeira e por isso sacrificou-se para vir à igreja que se encontrava sempre repleta de pessoas para ouvir a palavra de Deus. Da parte de manhã o sino convidava-nos muito cedo para vir à igreja, porque o pregador não deixou os seus paroquianos sem a devoção da primeira sexta-feira e do primeiro sábado. Quando um filho ama a sua mãe a valer sujeita-se aos maiores sacrifícios para lhe agradar. Ora o povo desta freguesia ama a sua mãe do céu e querida padroeira com todo o coração, por isso sujeitou-se a calcrarear os íngremes caminhos da nossa terra para vir à igreja todos os dias do tríduo prestar a sua homenagem sincera à mãe que tem sido a mensageira de tantos favores vindos do céu até nós.

O potente alto-falante do Sr. Alberto Peixoto da Portela do Vade, todos os dias de manhã transmitia com clara nitidez as orações da manhã, ouvindo-se ao longe as orações que os fieis acompanhavam com piedade enquanto se dirigiam para a casa do Senhor. Este formoso vale repleto de frutos prometedores que se estende até à Portela do Vade e que se vai espreguçando mansamente com o rio Vade até à nobre vila de Ponte da Barca, perfumou-se com o agradável aroma espiritual das nossas orações e dos nossos cánticos durante os quatro dias de oração, transmitida através do potente alto-falante que ajudou a solenizar a nossa festa sem prejudicar a devoção dos filhos da Senhora das Neves.

No dia 5 de manhã foi celebrada a santa missa pela alma do nosso inesquecível amigo, P.º António de Oliveira, que durante 17 anos tanto trabalhou para elevar a nossa festa ao apogeu tão alto e que incutiú nas nossas almas o amor à Senhora das Neves.

Quase todas as pessoas se aproximaram da sagrada comunhão. Ao meio dia foi cantada a missa solene, celebrada pelo nosso estimado pároco, P.º João Maria Tinoco e acolitada pelo pároco de Atiães e da Portela do Vade. Serviu de mestre de cerimónias o pároco de Aboim da Nóbrega.

No púlpito o pregador do tríduo explicava as partes principais da santa missa e ao lavabo pregou um sermão sobre as graças que a nossa mãe do céu tem dispensado, na sua peregrinação mundial, prevista pela grande devota Catarina Labouré.

Às 5 horas da tarde rezou-se o terço e várias orações, houve outro sermão em honra de Nossa Senhora das Neves e no fim realizou-se a magestosa Procissão com as imagens de Nossa Senhora das Neves, Sagrado Coração de Jesus e S. Sebastião. O povo que acompanhou a procissão formava uma grande multidão nunca vista. Lá vimos o nosso amigo António Joaquim Pereira, cujo nome foi lido no púlpito juntamente com o dos devotos ausentes no Brasil e de dois que chegaram dessa terra e que entregaram uma avultada esmola para ajuda da festa.

Que a Senhora das Neves abençoe todos os seus devotos.

PORTELA DO VADE

Comunhão das crianças

Fizeram a primeira comunhão, no dia 29 de Julho, as crianças desta terra num total de dezasseis.

Antes da missa o nosso zeloso pároco fez uma exortação explicando as cerimónias que envolveriam a Comunhão e lhes pediu

(Continua na 3.ª pag.)

Prado (S.ta Maria)

Aniversários

No passado dia 17 do corrente mês, concluiu as suas 21 risonhas primaveras, a menina Dulce Isabel Lopes Durães Ferraz, distinta filhinha do sr. Francisco Lopes Ferraz e da sr.ª D. Ana Durães Peixoto Ferraz.

A' gentil aniversariante, filha dilecta desta vila os nossos parabéns, e que a rosinha que no jardim da existência colhe nesta data, seja um degrau de ascensão para uma felicidade sem limites.

Leonor Serger Torres Fernandes

Festejou o seu aniversário natalício, no passado dia 15, a simpática menina Leonor Serger Torres Fernandes, filha bem amada do Ex.º Sr. José da Cunha Torres Fernandes e da Ex.ª Sr.ª D. Leonor Serger Torres Fernandes, residentes em Lisboa.

Seus tios desejam-lhe as maiores felicidades e como teve a dita de vir ao mundo no dia da Assunção da Santíssima Virgem assim também a boa Mãe do céu lhe prepare, desde já, um lugar muito digno e honroso na benaventurança eterna.

Visitante ilustre

De visita a sua família encontra-se entre nós o Sr. Domingos dos Reis, digníssimo tipógrafo, assistente técnico da tipografia Ramos, Afonso & Moita L.da de Lisboa.

Desejamos-lhe as maiores prosperidades.

Na hora da despedida

Não é possível conseguir-se alguma coisa, enquanto não despertarem todas as faculdades e todo o ser; enquanto o entusiasmo não for tão grande que mesmo de noite, faça pensar nesse mesmo trabalho; não é possível conseguir-se essa alguma coisa. Se faço o que está determinado, nem posso esperar muito, nem tomar liberdade demais.

Sinto-me feliz em pensar que não tenho de governar o mundo; sinto-me feliz porque sinto que estou neste mundo para fazer alguma coisa e compreendo que devo fazê-lo, sinto-me feliz porque nasci em Portugal, e quando alguém me perguntar a minha nacionalidade, devo sentir uma aprovação de satisfação interior e exterior ao responder: sou Português. E sinto-me feliz, porque sei que vou para a companhia do meu estimado Pai que reside em África, porque não há amor como o amor paterno.

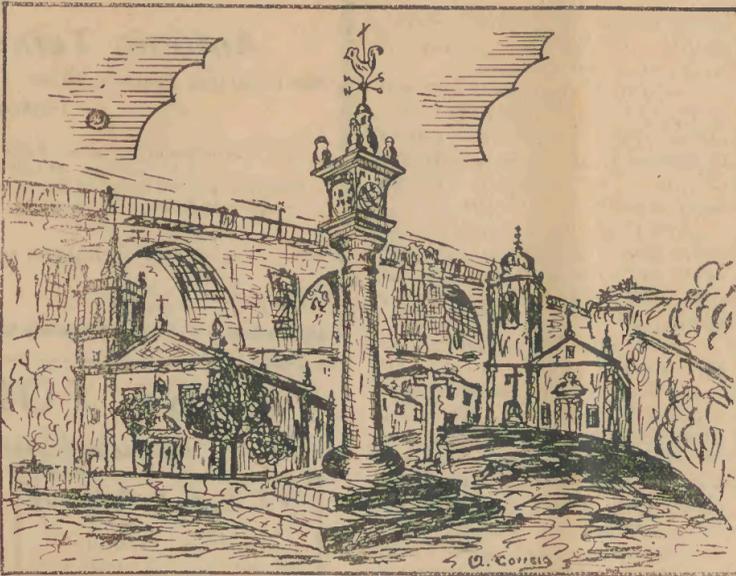
O meu coração sente-se triste, sintilante, porque não sabe se vai para um ambiente igual ao de Portugal, e sente-se ao mesmo tempo satisfeito por ter esperanças de passar no regresso uns bons dias na sua Pátria. O meu coração não tem forças para se despedir dos portugueses, ou seja, dos meus irmãos, porque sendo Deus nosso Pai, somos todos irmãos. Deus nunca me desamparou, e tenho a certeza que nunca me há-de desamparar.

Eu, quando chegar à África, Direi por meio deste jornal o que se passa por lá.

Leitor, fixa bem no peito a religião Cristã, nunca a negues, que eu sinto-me satisfeito por nascer no meio do Cristianismo, e por isso mesmo peço a Deus para nunca o negar.

Despeço-me de ti, Leitor, e oxalá que leias sempre «O Vi-

PORTERRAS DE PRADO



laverdense» que te dá novidades e sempre bons conselhos.

Despeço-me da Catequese, onde, desde a minha Comunhão Solene, ensinava a doutrina às crianças e que já tinha uma certa amizade por elas, despeço-me dos meus colegas catequistas e e que continuam a ensinar sempre a doutrina cristã.

E, para terminar, despeço-me de todos e queira Deus que sejamos sempre sinceros e cumpridores do nosso dever.

José Manuel Macedo de Oliveira

Moure

Despedida

No dia 8 de Agosto, despediu-se de nós o nosso bom amigo Feliciano Gonçalves Machado, de Moure, antigo estudante em Salamanca, que tenciona, em S. Paulo, para onde partiu, continuar os seus estudos.

Os seus numerosos amigos de Prado desejam-lhe boa viagem e um futuro brilhante nas terras de Santa Cruz. — A.

De Freiriz

AGOSTO — 1956

Estudantes em férias

Encontram-se, desde há tempos, nesta freguesia e em gozo de férias os seminaristas José de Oliveira Macedo, do Seminário Menor, Francisco de Araújo Carvalho, do Seminário dos Padres do Verbo Divino e que agora vai frequentar o terceiro ano em Fátima, Manuel da Cunha Rodrigues, diligente estudante de filosofia e as meninas Olívia Lopes da Silva e Ana de Jesus Fernandes, distintas alunas do Instituto das Religiosas do Coração de Maria. Todos, graças a Deus, cumpriram muito bem os seus deveres e por isso os nossos parabéns.

Óbitos

Faleceram, ultimamente, nesta freguesia os seguintes adultos: Maria da Costa, solteira, de 72 anos de idade, João Rodrigues da Silva, casado, de 72 anos de idade e José Maria Lopes, casado, de 64 anos. Deus lhes fale com a alma.

Casamento

No passado dia 4 deste mês, consorciou-se, nesta igreja, a menina Elisa Cardoso com Domingos da Silva Moreira. Foi um casamento todo cheio de santa alegria para todos; seguiu-se depois um bom almoço, a que assistiram muitos convidados. Que

Deus abençoe este novo lar católico são os nossos votos.

Saída para o estrangeiro

Mais um (já o terceiro) que se ausenta desta freguesia para terras de Venezuela. Desta vez trata-se do Senhor Júlio Fernandes, solteiro, motorista, da casa da Tomada.

Desejamos-lhe as maiores felicidades.

Oleiros

AGOSTO DE 1956

Celebrou-se, mais uma vez, nesta freguesia, a tradicional festividade em honra de Nossa Senhora dos Anjos, tanto da simpatia do povo de Oleiros e mesmo das freguesias limítrofes, como demonstra a grande aglomeração de povo, que se concentra nas imediações da Igreja paroquial e nos lugares atravessados pela procissão.

Apesar de ter havido recentemente, uma solenidade brilhante, no dia da Padroeira (18 de Julho) com a Missa Nova do P.º Vitor de Oleiros (capuchinho) que no século era José Maria Arantes da Silva, que tanto interesse despertou, a Festa da Senhora dos Anjos não desmereceu, em coisa alguma, do que foi nos outros anos transactos, pois teve todos os números costumados.

Na véspera, queimaram-se bastantes dúzias de fogo de artifício, no qual os pirotécnicos mostraram o seu bom gosto.

A Missa revestiu a solenidade usual e foi cantada pelo Rev. Pároco, António Augusto Dias Barbosa, acolitado pelos Rev.ºs Párcos da Laje e de Parada de Gatim, sendo Mestre de Cerimónias o de Cervães.

Os sermões foram pregados pelo querido filho de Oleiros, P.º António Rodrigues, Professor do Colégio de D. Diogo de Sousa, em Braga, sendo o da manhã em honra de S. Sebastião e o da tarde em honra de Nossa Senhora dos Anjos. A vistosa procissão seguiu o itinerário do costume, com os mesmos números e com a mais perfeita ordem. Foi Tesoureiro o sr. Avelino Dantes e tocou a filarmónica de Oliveira — Barcelos. — C.

Do Couto de Moure de Libão

Electrificação — Estradas — Exames — Desastre — Outras notícias

LAJE, Agosto de 1956

Consta-me que já está feito o estudo para a electrificação

(Continua na 4.ª página)

Terras do Pico de Regalados

(Continuação da 2.ª página)

conservassem sempre, como a realizezarem-se os anelos e esperanças de há tanto tempo — a quele acto.

A tarde houve Adoração ao Santíssimo Sacramento como conclusão deste dia eucarístico.

O porte e activa participação das criancinhas bem nos revelam o aturado esforço do nosso pároco, rev. P.º Abel Morais, do seminarista António de Sousa e demais catequistas.

Estrada

Até que enfim vem agora so-

la o povo de Aboim. — C.

E' grande a azáfama no corte desta primeira tirada que é de 601,70 metros. Cerca de 30 homens diários trabalham ali, sob as ordens do sr. Augusto Gomes de Sousa, de S.ta Marinha de Oleiros, que tomou aquela empreitada por 74 contos.

Segundo nos consta, muito em breve chegará nova participação para a continuação da estrada tão necessária e urgente

PENASCAIS

NOTAS MONOGRÁFICAS

Penascais é uma pequena freguesia, apenas com 500 habitantes.

Estendendo-se do sopé ao meio da encosta do Oural, pelo lado do Nascente, é, na verdade, uma terra montina. Enquanto banhada por um anónimo ribeiro, que por intermédio do Vade, se lança no Lima, Penascais tem algo de ribeira.

O seu actual nome, Penascais, veio-lhe, imediatamente, da fórmula *Panascais*, por dissimilação morfológica, isto é, porque os elementos iniciais *Pena* soam melhor que *Pana*, devido a estes usarem da repetição próxima do *a*.

Por sua vez *Panascais* provém do facto de possuir vários campos com o nome de *Panascos* — terrenos muito férteis em *Panasco*. Ora *Panasco* é uma erva que constitui uma excelente forragem para os animais. Daí a razão por que muitos autores apresentam Penascais abundante em gado.

Possui um lugar chamado Gaios, vindo, provavelmente, de *Caicos*, pois, nos Gaios, passa a antiga Via Romana, e como entre os generais de Roma se contam muitos com aquele nome, julgamos que daí derive o actual Gaios motivado pela demora, naquele lugar, de algum ilustre *Caio*.

O lugar que disputa o direito de *primogenitura* com os Gaios é a Vila, onde em tempos residiram os *senhores* de Penascais.

Os nossos valores arqueológicos limitam-se à antiga *Via*, com duas pontes construídas ainda pelos soldados do Império Romano.

Como freguesia civil, pertenceu ao Concelho de Aboim da Nóbrega até 31-XII-1853, aproveitando já do foral concedido por D. Manuel à sede daquele concelho em 24-X-1513. Passou, depois, ao do Pico de Regalados, também extinto em 24-X-1855. Pertence, actualmente ao Concelho de Vila Verde.

Como freguesia eclesiástica, foi, em tempos, uma abadia de apresentação da mitra. A propósito da fundação da Igreja, transcrevemos as legendas que dois Serafins ostentam: "O R.º Ventura Pinheiro da Costa, Abade desta Freguesia, do anno 1737, mandou fazer esta Capella e nella collocou o Santíssimo Sacramento, pondo de obrigação de dar o azeite para a lâmpada, dos frutos desta egreja". A capella mor apresenta-nos cinco belas pinturas, dos Evangelistas com S.ta Marinha — a Padroeira — ao centro. A custo, conseguimos ler: "Esta Capella Mor foi furrada e dourada no anno de 1870 (78 ou 75?), sendo Abade desta Freguesia o R.º Francisco de Souza Menezes, Cavalleiro da Conceição, Capellão da Caza Real e Cónego Honorário da Sé de Braga".

De entre os filhos mais ilustres de Penascais queremos distinguir o Rev. P.º António Pereira, capelão na Misericórdia da Ponte da Barca e a quem consultamos antes da elaboração destas notas, seguindo o seu parecer no referente aos Gaios e Vila. Como benemerita n.º 1, apontamos a Ex.ª D. Rosa do Cravo, cujo nome se encontra em muitas obras da freguesia, nos corações dos pobres e na memória de todo o povo reconhecido.

Dos abades de Penascais toda a gente recorda o Cónego Menezes; o sr. Abade Peixoto, como amigo dos pobres; o sr. P.º Oliveira, organizador da A. Católica em Penascais; o rev. dr. Gonçalves, cuja colaboração em *O Vila-verdense* muito admiramos. Ao actual rev. P.º Morais se devem, além de outros trabalhos, os importantes melhoramentos na residência paroquial.

José Cerqueira Fernandes

Ciclo Litúrgico do Pentecostes

DOMINGO 13.º — Continuando a leitura dos Livros da Sabedoria iniciada no 12.º Domingo, no Breviário, o princípio do Livro do Ecclesiastes: "Vaidade das vaidades, tudo é vaidade" como diz o autor sagrado. Esquece-se o que é passado e o que deve acontecer não deixará de lembrar aos que viverem mais tarde. Eu vi todas as coisas que se fazem debaixo do sol e eis que todas elas são vaidado e aflição de espírito. Os perversos dificilmente se corrigem e o número dos insensatos é infinito".

O Evangelho refere-se à cura dos dez leprosos, dos quais só um, que era estrangeiro (Samaritano), se lembrou de agradecer a Jesus, que lhe disse: "Vai, que a tua fé te salvou". Queixou-se também da ingratidão dos nove restantes.

DOMINGO 14.º — No Evangelho deste Domingo, diz-se que não se pode servir a dois senhores, porque ou se há-de contentar a um ou a outro. Jesus apela para a Providência e recorda a maneira como as avezinhas se sustentam e os lírios e outras plantas se vestem, e continua dizendo que não devemos inquietar-nos demasiado com a alimentação e o vestuário, porque o Pai do Céu sabe que precisamos de todas estas coisas. Recomenda que busquemos primeiro o reino de Deus e a Sua justiça e todas essas coisas nos advirão.

DOMINGO 15.º — Fala-se da ressurreição do filho da viúva de Naím. Esta acompanhava, chorosa, o cadáver do filho. Jesus teve pena dela e restituiu-lhe o filho com vida.

Este milagre entusiasmou a multidão presente, que louvou a Deus, dizendo: "Um grande profeta se levantou entre nós e Deus visitou o seu povo".

PORTELA DO VADE

CASAMENTO ELEGANTE — No alto do Monte Sameiro realizou-se, no dia 6 de Agosto, o auspicioso enlace matrimonial entre Luís Fernandes, e Maria Dias Antunes, a que presidiu o rev. pároco de Aboim, P.e António J. F. Mendes.

A noiva, natural de Aboim da Nóbrega, é filha de Rosa Soares Dias, falecida, e de Francisco Antunes Morgado. O noivo, da Portela do Vade, é filho de Ana de Oliveira Peixoto, e de Joaquim Fernandes.

Foram padrinhos: Paulo da Silva Dias, e Manuel Fernandes, aluno do 7.º ano, no Liceu de Braga.

No fim das cerimónias litúrgicas, o rev. pároco de Aboim dirigiu aos noivos uma alocução alusiva às responsabilidades que acabavam de tomar.

No Restaurante Sameiro, foi servido um excelente almoço à comitiva, que com os noivos perfazia sessenta pessoas. Decorreu em ambiente muito hilariante, com frequentes interrupções nos brindes, estimuladas, certamente, pelo óptimo "champagne" que coroou o almoço. Nem faltaram as tradicionais brincadeiras de petição de casamento, pelos solteiros, tragando do bolo dos noivos, sob o véu da nubente.

Primeiro, fizeram o elogio dos noivos os seus respectivos párocos, Rev.os P.e Morais e P.e Mendes. Brindaram em seguida: o mestre de cerimónias, Jaime Peixoto, Tesoureiro da Caixa de Previdência de Braga; Paulo da Silva Dias, tio da noiva, que leu uma mensagem do irmão dela, antigo aluno do Seminário de Évora, Escolas Naval e de Guerra e actual imediato a bordo do "Antónia Pascoal". No fim, o sr. Dias entregou publicamente à nubente dez mil escudos, oferta do mesmo irmão. Falaram ainda: Joaquim Fernandes, pai do noivo, que exprimiu a alegria que sentia ao receber no seio da sua família aqueles novos membros; Ilda da Rocha, americana, Saúl Dias e José Cerqueira Fernandes.

Entre os convidados vimos: Silvestre Epifânio M. Capela, professor do ensino primário; Delfina Correia, também professora, de Braga; Rosa dos Prazeres A. Pereira, de Magalhães. E da Portela: Francisco Fernandes Dias e filhos, José Cerqueira Dias, também com seus filhos, Aurélio Lobo e José de Sousa.

Terminou a festa com a estreia da Casa da Quinta, destinada a residência da nova família, no L. da Igreja, Portela, onde os noivos ofereceram aos convidados um "copo de água".

Renovamos os nossos votos pela felicidade daquele novo lar. — (C.).

Do Couto de Moure de Libão

(Continuação da página 3)

desta freguesia e que o orçamento respectivo monta a seletentos mil escudos.

— A derivante da Estrada municipal, que devia ser nacional pelo movimento que a caracteriza, levou novo esticão, de... cerca de 30 metros ou 50 metros cúbicos de brita.

Por este andar, dentro de vinte anos, o mínimo, o conserto deve chegar aos Barrocos. Aguentai-vos, costelas e pneus, que a coisa promete!

A do Sobreiro continua como dantes.

— No fim de Julho terminaram os trabalhos dos exames escolares com honra e mérito para os professores e alunos, tanto desta freguesia como, em geral, de todas as do nosso vasto Concelho.

As raposas, este ano, tiveram sorte, porque ficaram em liberdade e foram poucas as que caíram na rede...

— Em gozo de férias bem merecidas, seguiu para a sua terra natal—freguesia de Poaires, do Concelho de Espadacinta, o nosso amigo e assinante, sr. Abel Augusto Afonso Madeira, professor oficial da Laje, que havia feito parte de um dos jurys de examinadores concelhios.

— Fez também exame de outra espécie, ficando aprovado, o sr. Augusto Fernandes Carreira, que já está apto a conduzir carros pesados, o que lhe traz certo alívio orçamental, e por tudo isso o felicitamos.

— No fim da primeira semana deste mês de Agosto, deu-se na Barragem de Paradela do Rio um grave desastre, do qual foi vítima o trabalhador Manuel Coelho, «o Paivante», que deixa viúva e filhos menores. Era natural da vizinha freguesia de Turiz, para onde foi conduzido o seu cadáver, tendo a Companhia Hica custeado todas as despesas relacionadas com o funeral e mais consequências do desastre.

— Encontram-se a veranear, na Póvoa de Varzim, o sr. Armando Avelino Coelho e esposa, D. Maria do Céu Oliveira Dias Braga Coelho.

— No dia 19, deve celebrar-se uma pequenina solenidade em honra de Santa Helena, que se venera na sua poética ermida, no Monte de Santa Cruz, desta freguesia.

— No dia 22, ocorre o aniversário do falecimento de Francisco Pereira (Espanhol), devendo celebrar-se Missa por sua alma, nessa data, na Igreja da Laje.

— Ocorrem nesta quinzena os seguintes aniversários natalícios:

No dia 20, o do sr. António Lopes da Silva, industrial de calçado;

No dia 21, o do sr. Avelino de Jesus Alves Ferreira, ausente em S. Félix, Estado da Baía—Brasil;

No dia 22, o da sra. Laura Gonçalves Ribeiro;

No dia 24, o da sra. D. Vitorina Pereira da Silva Macedo Belo, agora entre nós, em companhia de seu marido, António João Belo e mais família.

Comemora ainda o seu aniversário, no dia 27, o sr. António Albino da Costa Macedo, proprietário da Farmácia Costa Macedo.

A todos apresentamos as nossas felicitações, com votos de longa vida, muita saúde e felicidades, que tornamos extensas ao menino Fernando Alberto de Almeida Vilela de Sousa, residente em Leblou, no Rio de Janeiro, que festeja

CASA DOS TERÇOS

DE

António Teixeira Fernandes

Rua Francisco Sanches, 85-89

BRAGA

Telefone, 2862

Casa especializada em terços nacionais e estrangeiros. Estampas para Comunhões, Missas Novas, Diplomas, etc. Estampas encaixilhadas de diferentes tamanhos; Crucifixos, pias de água benta, imagens de terra cota e todos os artigos para o Rev. Clero.

Livraria Religiosa e Artigos de Papelaria

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Descontos para revenda e ao Rev. Clero

CASA FONTE LIMPA

Augusta Games — Vila Verde

MERCEARIA

Sortido completo em géneros alimentícios.

Gosta de bom café?

Só nesta casa

A FUNERÁRIA

Serviços fúnebres desde modesto a luxuoso

Preços módicos

Relojoaria TIC-TAC

Relógios e consertos

Adolfo Fernandes Machado

Largo Comendador Sousa Lima

Vila de Prado — BRAGA

Território do Amapá

(Continuação da página 4)

E PRECISO MAIS

O Governo Federal tem duas empresas, no momento, tendentes a promover a valorização das terras do Centro-Oeste e do Norte: a Fundação Brasil Central e a Superintendência do Plano de Valorização Económica da Amazônia. Não nos cabe aqui examinar as possibilidades que têm, de conseguir o povoamento das regiões em que operam e promover o seu desenvolvimento económico. Basta que declaremos não achar suficiente a sua acção para se conseguir tais objectivos.

Procuraremos mostrar isso nesta série de reportagens de modo indirecto, examinando o que se passou em 14 anos de independência administrativa no Território Federal do Amapá. Iniciaremos com "O Amapá antes de ser Território".

DR. MIGUEL CUNHA

Tivemos o prazer de cumprimentar, há dias, este ilustre Vilaverdense, antigo e apreciado colaborador da «Folha de Vila Verde» que também nos prometeu lembrar-se de «O Vilaverdense». Esperamos com ansiedade o cumprimento da sua promessa.

Excursão a Fátima

de 12 a 14 de Julho de 1957

Preço — 155\$00

ITINERÁRIO: dia 12—Laje, Braga, Porto, S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis, La Saleta, Albergaria Nova e Vella, Águeda, Curia, Buçaco, Mealhada, Coimbra, Condeixa, Pombal e Fátima (dormida).

Dia 13 — Batalha, Alcobaça, Nazaré, Marinha Grande, Leiria, Figueira da Foz (dormida).

Dia 14—Mire, Bagos, Ilhavo, Aveiro, Farol, Estarreja, Espinho, Santa Maria Adaláide, Porto, Póvoa de Varzim, Barcelos, Prado e Laje.

Organização de

António Vaz e Miguel Pereira Borges

LAJE

S. R.

Secretaria Judicial

DE

Vila Verde

2.ª publicação

Pela 1.ª secção desta secretaria e nos autos de acção de justificação de ausência e qualidade de herdeiros em que são autores Maria Fernandes e marido António Fernandes Apolinário, lavradores da freguesia de Igreja Nova, da comarca de Barcelos, para o efeito de, nos termos da alínea b) do art.º 1112.º do Cód. Proc. Civil, obterem a successão e a entrega dos bens do ausente ANTONIO FERNANDES, cujo estado e profissão se ignora que se encontra em parte incerta do Brasil, com o último domicílio no Lugar da Eira Vedra da freguesia de Parada de Gatim, desta comarca, correm editos: a) — de trinta dias, contados da segunda publicação deste anúncio, citando os interessados INCERTOS para no prazo de vinte dias, findo o dos editos, impugnarem a ausência ou habilitarem-se à curadoria dos bens, deduzindo os seus direitos em concorrência com os autores ou de preferência a estes; e, b) — de seis meses, também contados da segunda publicação deste anúncio, citando o referido AUSENTE António Fernandes para, no mesmo prazo de vinte dias, findo o dos editos, impugnar o pedido formulado pelos autores, já acima indicado.

VILA VERDE, 19 de Julho de 1956.

Verifiquei. — O Juiz de Direito, João Gonçalves Dias

O chefe da 1.ª secção, António da Costa Júnior

DE LONGE E DE PERTO

Causou séria preocupação em todo o mundo a nacionalização do Canal de Suez pelo Governo do Egipto, que fez agitar a política internacional.

— Segundo o "Daily Express" de Londres, o ex-rei Faruk, do Egipto, teria desaparecido de Roma, onde residia.

— O Rei da Líbia foi à Turquia em visita oficial, sendo acompanhado pelo Primeiro Ministro e diversas personalidades.

— A Rússia recusou ao Japão a entrega das Corilas.

— No estado de Yucatau, foi descoberta, pelas autoridades mexicanas, uma conspiração contra o Presidente de Cuba, tendo-se efectuado algumas prisões e apreendido certa quantidade de armamento.

— No dia 6 registaram-se em Londres violentíssimas trovoadas, tendo-se inundado alguns bairros, onde a água subiu a 20 centímetros e interrompeu a circulação.

— Diz-se que Buster Craab, o "homem-rã" que tanto deu que falar por ocasião da visita dos grandes da Rússia à Grã-Bretanha, se encontra vivo e prisioneiro na U.R.S.S.

— O Ministro das Finanças do Egipto determinou que sejam vendidas, em hasta pública, as joias da antiga família real e que constituem extraordinária colecção de preciosidades antigas e modernas, avaliadas em cerca de um milhão de contos.

— Em Cali, na Colômbia, deu-se uma tremenda explosão, que fez milhares de vítimas, passando os mortos além de mil e os feridos em estado grave atingiram número igual ou maior. A deflagração foi tão violenta e próxima do cemitério que a terra foi revolvida e os caixões projectados ao ar. Houve muita dificuldade em sepultar os cadáveres, sendo grande parte deles lançados em extensas valas comuns e indiscriminadamente.

— Na mina de Charleroi, na Bélgica, um pavoroso incêndio pôs em perigo a vida de centenas de mineiros.

— O Sr. Presidente da República, em visita a Moçambique, com paragens em S. Tomé e Angola, teve entusiástica recepção.

— Em Monção deu-se crime de envenenamento na pessoa de Abílio Afonso, casado com Aurora Pires, proprietários duma taberna, à Rua Direita.

— Com afluência de milhares de forasteiros, celebraram-se, em Guimarães, as tão características Festas Gualterianas.

— Para assinalar o aparecimento de Nossa Senhora, nos Valinhos, em Fátima, em 19 de Agosto de 1917, vai ser ali inaugurado um monumento em honra da Virgem Santíssima.

— Na estrada de Cambedo a Parada do Rio, em Montalegre, um automóvel, que transportava alguns trabalhadores, precipitou-se por uma ribanceira abaixo, havendo um morto e vários feridos, que foram internados e socorridos no Hospital de S. Marcos, de Braga.

CASA CLARO

DE Paulo de Sousa Claro

Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

SEDE — Rua D. Diogo de Sousa, 100

FILIAL — Rua Francisco Sanches, 91

TELEFONE 2305 — BRAGA

Quadros da História Natural

O GATO

O Gato é de carácter inteiramente oposto ao do cão. Familiariza-se, mas não se afeiçoa. Tudo nele é falsidade e perfídia. A educação pode dissimular os seus defeitos; mas eles simplesmente são odiosos, sob a máscara da hipocrisia. É um inimigo doméstico com o qual se vive, para o opor a outro inimigo mais incómodo.

O gato novo é o mais folgazão de todos os animais; porém, à medida que vai crescendo, perde tudo o que as suas maneiras têm de amável. Este animal é aseado, ágil e alegre.

Naturalmente inclinado à destruição e ao furto, ele não emprega senão o ardid para se tornar senhor da presa, e mata-a sem necessidade, sem estar apertado pela fome.

A RAPOSA

O que o lobo faz pela força, a Raposa o faz pela astúcia e é mais bem sucedida; mas a sua sagacidade é sempre acompanhada de abjeção e de maldade. Ela começa por cavar, à entrada dum bosque, a sua morada subterrânea para se colocar em segurança com a sua família. Daí, ela ouve os galos das aldeias vizinhas; e, dirigida pela voz deles, ela vai de noite e com suavidade rondar as capoeiras. Se pode entrar num galinheiro, mata as aves todas e as leva, umas após outras, para a sua toca. A sua destreza é tal que surpreende as aves que esvoaçam ao longo dos tapados.

Este animal voraz destrói os láparos, as lebres pequenas e agarra mesmo algumas das grandes na cama.

Quando encontra uma codorniz ou uma perdiz sobre os ovos, come a mãe e os filhos que estão para nascer.

Apertada pela fome, devora arganazes, rãs; nutre-se também de insectos, de frutos e de mel.

A sua pele modifica-se quando é apanhada jovem ou durante o estio.

Em França, é ordinariamente de cor ruiva, com o pescoço mixto de branco e negro; mas ao Norte há raposas brancas, negras, azuis, cinzentas de várias modalidades, etc.. O seu comprimento médio é de dois pés e três polegadas.

A Misericórdia de Vila Verde e o seu hospital

(Continuação da página 1)

des do Concelho e que satisfaça ou venha a satisfazer às nossas necessidades, aproveitando a acção das outras Misericórdias e das suas obras, para completar o que não podemos fazer — operações, tratamentos especializados, etc. — capaz de mover a caridade personalista e desorganizada, numa obra colectiva.

O bairrismo tem muita influência no desenvolvimento das obras de Assistência. O Concelho tem 58 freguesias, e, apesar de terem passado por aqui tantos filhos da terra milionários e abastados, nenhum se lembrou de contemplar a Assistência Vilaverdense com um tostão, porque não temos uma obra que possamos chamar nossa. Muitos contemplaram as instituições de caridade de várias cidades, e, quando lá vamos levar os necessitados, dizem-nos que primeiro estão os seus pobres, e temos de pagar.

Nas várias terras do país, favorecidas pela Misericórdia, chovem, constantemente, esmolas, legados; em Vila Verde nada, ninguém se lembrou de deixar um tostão à Câmara para a Assistência. O nosso povo é bom, caritativo, e mais favorecido do que o de muitas terras que sustentam activas Misericórdias; falta-lhe uma Misericórdia a que possa chamar sua.

Quem trabalhe, dirija e administre não falta, o que tem faltado é uma coesão à volta das iniciativas.

O Concelho de Vila Verde pagou ao Estado, em diversas contribuições, no ano de 1942, a linda quantia de 2.953.305\$09 (hoje dizem-me que passa de 4.000 contos); ora, se para aqui viessem os célebres cinco por cento, de lei para a Assistência Concelhia, teríamos por ano 147.665\$25.

No Concelho, apenas o pequeno asilo paroquial de Prado recebe, segundo nos informaram, à volta de 3.000\$00; a Câmara não recebe um centil. Nada recebemos, porque não temos um organismo de caridade, capaz de representar o Concelho e de tomar sobre si o encargo da Assistência, que una as iniciativas particulares.

Consequentemente, pensou-se e pensa-se a sério na fundação da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde, porque é o único meio de unir as iniciativas particulares; estender uma rede mais ou menos perfeita de Assistência ao Concelho; resolver e atender a tantas misérias abandonadas; fazer convergir as esmolas, doações e legados dos particulares; de convergir para Vila Verde uma parte da Assistência Nacional, a que temos direito?

O que vem de transcrever-se refere-se ao ano já distante de 1943. Desde essa data, as coisas modificaram-se um pouco e já foi fundada a Misericórdia concelhia, à volta da qual se criaram muitas dedicações; mas está ainda longe de ser a última palavra, porque têm surgido inúmeras dificuldades burocráticas a obstarem à instalação do novo Hospital, de reconhecida e urgente necessidade.

Aguardemos, porém, as circunstâncias e tenhamos esperança de melhores dias para a nossa Assistência.

Do Projecto de Compromisso, transcrevemos ainda alguns artigos sobre Direitos dos Irmãos da Misericórdia:

Artigo 10.º — Os irmãos ordinários do sexo masculino, que saibam ler e escrever, têm o direito de votar e ser votados para cargos da Irmandade, em todas as eleições a que se proceder decorridos seis meses depois do ingresso na corporação.

Art.º 11.º — São ainda atribuídos aos irmãos os direitos: — 1.º — Da redução de 25% do preço da respectiva tabela, no tratamento de suas doenças no hospital da Santa Casa;

2.º — De serem preferidos, em igualdade de circunstâncias, no provimento de empregos feitos pela Mesa, contanto que tenham as habilitações necessárias;

3.º — De serem preferidos na concessão de benefícios ou socorros que, segundo os regulamentos, sejam distribuídos pela Irmandade.

Artigo 52 — Trata dos sufrágios, que são três Missas por cada irmão falecido e officio anual de dez sacerdotes com obrigação de missa por alma de todos os irmãos e benfeitores falecidos.

Mendicidade

Quem, ao sábado, visitar a Vila de Prado, partirá mal impressionado com tantos romeiros da mendicidade. São tantos os mendigos, que alguém lhes chama a «Irmandade de Crespos» mas, se notarmos veremos que, só uns escassos 10 ou 15, se tantos, são de Prado, os restantes são «estrangeiros».

Não há freguesia por onde eles não deambulem. Têm dias certos e itinerários marcados. Falas humildes e de oração. Vestimenta só para esses dias, remendo sobre remendo, fora disso, alguns trajam como qualquer cidadão. Em regra, trabalham toda a semana e guardam o sábado, por vezes, guardam também a quinta-feira.

Doentes ou são, deformados ou escorreitos, verdadeiros ou falsos, manhãzinha cedo, fazem-se de longada. Vão até onde as pernas os levam, longe, bem longe, alguns fogem ao trabalho, porque mendigar é mais leve e rendoso, para quem perdeu a vergonha. Conheço uma mulherzinha que não quer ir para o asilo para não passar mal, a mendigar vive melhor! Às vezes são crianças que conduzem ceguinhas ou pedem para a mãe que já não pode, de doente, fazer a via-sacra, pelas portas. Andam nesta vida negra, longos anos. Aprendem atalhos e conhecem as casas esmoleres. Crescem, sem outro officio.

Morreu o ceguinho ou a mãe?... E continuam a mendigar, pela vida fora. Nasceram a mendigar e assim hão-de morrer estas crianças mendigas.

Se a pobreza foi tão amada de Cristo, a ponto de a elevar ao ideal evangélico, se nos disse que haveríamos de ter sempre pobres, não assim com a miséria. Esta é anticristã. É um pecado social. Se não fosse tão fácil a vida de mendigos, muitos não a trocariam pela do trabalho. Porque, a muitos válidos, não se recusou a primeira esmola, se fizeram profissionais.

Temos de concordar, pois, que dar uma esmola, a quem nos estende a mão, nem sempre é obra de misericórdia. Pode, até, transformar-se num crime. Abrimos a mão, em vez de a fecharmos.

Temos de combater a mendicidade, mas resolvendo os seus múltiplos problemas. Proibir e prender, sem mais nada, é desumano, temos de nos vergar sobre o pobre, não para mais o sobre-carregarmos, mas para o aliviar-mos.

Há que distinguir entre mendigos e mendigos. Há que desmascarar os falsos, é obra de misericórdia. Os que pedem e—podendo trabalhar, não querem. Os que não precisam por terem.

Restam-nos os que mendigam, por desempregados, para os quais não deve haver outra esmola, que dar-lhes trabalho, pago com justiça. Note-se que nem sempre dar trabalho é fazer caridade. Há campos regados com lágrimas de humildes que aí mourejam. Há edifícios argamassados com sangue de operários mal pagos, clamando pela justiça de Deus, que não falta, embora pareça tardar. Não pagar o salário justo a quem trabalha é um pecado que brada ao céu.

Restam ainda os mendigos doentes, cuja maior caridade é tratar-lhes da saúde, hospitalizando-os, rodeando-os de conforto, amparando-os para a vida.

Prado, Agosto de 1956.

Reis

Lêde e assinai
«O Vilaverdense»

José Augusto Vieira em Vila Verde

Continuemos a nossa marcha.

Goães é a freguesia mais próxima de *Rio Mau*, e a mais próxima também da estrada real de Ponte de Lima a Braga, onde cessa para o leitor a fastidiosa excursão a cavalo, que vinha fazendo desde Doçãos.

Nada tem notável que prenda a nossa atenção e apressamos por isso a jornada deste meio quilómetro, que falta para entrar na estrada real, onde a viagem feita em carro é incomparavelmente mais cómoda. A *Ponte dos Corvos*, cuja gravura tu vês em pág. 409, pode considerar-se o limite dos concelhos de Ponte de Lima e Vila Verde. O rio *Neiva*, passando sob a sua arcaria, chega aí depois de pequenas bifurcações destinadas principalmente a pôr em movimento as suas pitorescas azenhas.

É neste sítio, pois, que tomamos a estrada para a percorrer até ao Prado. Não é largo o horizonte. Vão encravadas entre montanhas as campinas, e de um lado e doutro parece que mais limitam a paisagem os semi-círculos de pinheiros, que se desdobram para além do vale. Escondidos entre eles, avista o leitor à sua direita a casa e capela do barão de S. Roque no lugar da Codessosa da freguesia de *Marrancos*, outrora anexa à de *Arcozelo*, mas hoje independentes as duas, apesar da sua proximidade.

Arcozelo é a freguesia onde está a casa do Paço dos Barbosas, que o leitor vai encontrar já um pouco mais adiante e ainda sobre o seu lado direito, numa pequena baixa de terreno. A igreja paroquial, que da estrada se não avista, fica a uma distância de três quilómetros aproximadamente, encoberta para nós pelo acidentado outeiro que vamos deixando.

Marrancos é o lugar que neste momento atravessamos, e onde nem sequer fazemos parar o trem, visto que nenhuma coisa há aí que possa despertar interesse. Pertenceu ao antigo concelho de *Portela das Cabras* e ao de Penela depois até 1855, em que este foi extinto. Pela estrada em que vamos, o leitor não pode ver a *Portela das Cabras*, onde chegaria só tomando o caminho velho, que aí conduz, depois duma hora de marcha. Situada além do monte, que fica sobre a nossa esquerda, é terra fria e pouco fértil, sendo a sua indústria principal a pecuária, pelo que especialmente diz respeito à criação do gado miúdo; — daí talvez o seu nome vulgar de *Portela das Cabras*. Era antigamente dos Castros, *senhores de Albergaria* e passou mais tarde à Casa de Bragança.

Foi sede de concelho, como já dissemos, e tinha feira nos primeiros Domingos de cada mês. Teve foral velho dado por D. Afonso III em Santarém em Março de 1260, e aí lhe chamava *Portela de Leitões*.

Caminhamos no silêncio casto da paisagem. A estrada, única fita branca destoando das variedades do tom verde estende-se desanimada pela nossa frente; são poucos os casais, e esses poucos escondidos por entre os pinhais sombrios ou as carvalheiras solitárias. De repente, uma volta do caminho faz-nos aparecer, como num diorama esplêndido, Braga e o Bom Jesus, o vale recortado em meandros e as cristas plumbagíneas da Falperra.

Aparição que é momentânea. Uma cortina de pinheiros esconde todo esse encanto e *Freiriz*, um pouco árida, desenha logo o seu vulto de rapariga serrana.

Descansamos junto da estalagem ou taberna desta aldeia, que todos os cocheiros conhecem como estação de repouso.

E não há que ver; é preciso pagar-lhes o vinho e beber também, para que não sejamos apelidados de fidalguinhos da cidade.

Um amigo meu, lisboeta, contou-me um dia que já passara em *Freiriz*, por ocasião duma excursão de recreio que andava fazendo pelo Minho com um companheiro também de Lisboa. O carro parou, é claro, e os dois turistas tiveram de obedecer à praxe fatal em paragens de taberna minhota. Ao provar o vinho, porém, contraíram-se-lhe todos os músculos da face, os olhos chegaram mesmo a lacrimar saudades do seu *Colares* querido!

— Verde, eim? — Perguntou o cocheiro regalado. — Verde! mais que verde!... murmuraram ambos *una voce*, pensando em se não seria, um ácido assim que o Longuinhos ofereceu a Cristo na hora da agonia. O cocheiro teve apenas um encolher de ombros misericordioso e compassivo de quem significa: — *Alfacinhas!* Não foi para estes que o Senhor creou o vinho de enforcado!

Os meus amigos deviam ter sido infelizes de certo, visto que *Freiriz*, lugar que foi de *Freire* (?), não podia, calculando pelas tradições das adegas monásticas, apresentar-lhes produto assim cruel. Foi *contto* com as respectivas justiças e alguns dizem que pertenceu aos *Freires Templários* esta freguesia. Era senhor deste couto *Fernão Nunes Barreto*, mas passou depois a seu genro *Fradique de Menezes*, senhor da Barca. Esta casa rendia, afora as matas e outros rendimentos, sete mil e tantos alqueires de pão.

Vamos descendo. Por entre os pinhais divisam-se ao longe, na direcção de leste, as cumiadas do Gerês; perto de nós, a paisagem oferece o tom vulgar dos canteiros cultivados. Destacam neste ponto numerosos eucaliptos da vegetação ordinária do Minho; adivinha-se a propriedade dalgum negociante retirado do comércio, dalgum brasileiro que pensou em inovações florestais. Principia a ser menos árido o caminho. O vale, em frouxeis de verdura, deixa-nos ver, à direita, *S. Martinho de Escariz*, fértil como a sua homónima e vizinha *S. Mamede de Escariz*, outrora anexas entre si e formando uma única freguesia.

Atravessamos uma pequena ponte. É a que está lançada sobre o ribeiro que nasce na freguesia de *Moure*, cujo nome toma, e da qual vemos, além, numa ligeira elevação, o campanário modesto sobressaindo por entre os casais do lugar. Caída hoje do seu antigo fastígio, *Moure* é apenas uma freguesia rural como qualquer outra, entregando-se aos trabalhos humildes da lavoura e à criação e recreação dos gados. Outrora foi o *Couto de Moure de Oliva* (?) dado pelo conde D. Henrique ao arcebispo S. Geraldo, sendo os seus moradores isentos de jurisdição real e obrigados apenas a ir à guerra, quando fosse o arcebispo, tendo em compensação o encargo de lhe cavar as vinhas, que ele tinha em Braga.

Arrancadas estas, porém, à ordem de D. Diogo de Sousa, que formou o *Campo da vinha* (ainda por este nome designado em Braga), combinou o arcebispo com os moradores de *Moure* receber

(Continua na 6.ª página)

Território do Amapá, 21.º Estado

Contribuirá a tradição portuguesa para que o Brasil melhor governe suas terras

Dividir o território para melhor povoar — S. Paulo já abraçou metade do Brasil — A evolução natural de novos Núcleos não devia ser prejudicada

“O Vilaverdense” no Brasil — Com a devida vénia transcrevemos do importante diário fluminense, “O Globo”, o seguinte artigo:

Concedendo a indemnização de 50 milhões de cruzeiros a Pernambuco, pela perda de Fernando de Noronha, o Congresso abriu um precedente que pode vir a causar sérios embaraços à criação de novos Territórios Federais. O Pará, que já desistira da indemnização pedida pelo Amapá, vai renovar suas pretensões; e agora não mais na base de 120 milhões, pleiteada em 1948, mas chegando aos 800 milhões. O Amazonas pretende mais de um bilhão, e Mato Grosso encontra-se na expectativa. No veto que após ao projecto de lei da indemnização a Pernambuco, a Presidência da República advertiu o Congresso do passo que ia dar, tudo em vão, pois mais forte foram os interesses e o trabalho de aliciamento das bancadas do Nordeste. O veto caiu, o projecto fez-se lei, e o Tesouro contraiu obrigações que devem ultrapassar bastante os dois bilhões de cruzeiros. Se tudo ficasse no terreno do dinheiro, talvez não fosse de todo mau; afinal seria o “Brasil comprando o Brasil”, título da série de reportagens em que “O Globo” focalizou a questão. Mas essas indemnizações talvez dêem alento à opinião — defendida tenazmente pelos parlamentares dos grandes Estados — de que a subdivisão das grandes áreas é um crime que se comete contra seus direitos. Já temos precedentes: as bancadas de Mato Grosso e Paraná aniquilaram os Territórios de Ponta Porá e Iguazu. Esta série de reportagens pretende focalizar a questão, não directamente, discutindo a conveniência ou não da criação de Territórios, mas através da história de um deles, o Amapá, talvez o futuro 21.º Estado da Federação.

A LIÇÃO DE PORTUGAL

A quantos estudam a colonização europeia no mundo, assombra a obra de Portugal no Brasil. A unidade do País, a extensão do território, das feitorias litorâneas iniciais aos milhões de quilómetros terra adentro, tudo é obra da vontade indomável de sua gente, dominadora do mar e, na América, senhora de um Continente. O génio português de colonização, no mundo, não encontra paralelo. Não nos deteremos na explicação dele, se favorecido pelas origens étnicas do povo, ou por sua determinação geográfica etc. Analisaremos rapidamente como esse povo “tratou”, quanto à administração, a grande terra, difícil de dominar por ser grande demais, e sem base para a civilização que vinha implantar.

DIVIDIR PARA GOVERNAR

O conceito aqui não tem sentido maquivélico, mas político, e de sábia política. Compreende depressa a Coroa que, sózinha, não poderia dominar a terra; associou por isso à colonização capitais particulares, e tivemos as Capitânias Hereditárias, em número de 14, que duraram de 1534 aos tempos de Pombal, no século XVIII. Onde fracassavam as capitânias particulares, criava a Coroa as Capitânias Reais, na primeira delas, a da Bahia, localizando a “cabeça” de todo o “Estado do Brasil”.

A maioria dos actuais Estados da Federação nasceu dessas capitânias do Rei. Com Pombal (1750-1777), as particulares que restavam caíram no domínio da Coroa. Dando autonomia aos pequenos núcleos que fundava — e o “município” teve importância fundamental na colonização do Brasil — Portugal ia-se estendendo pela terra enorme, chanfrando os pelourinhos da autonomia municipal guardado pelos canhões da fortaleza e à sombra da pequena igreja. Assim nasceu o Brasil, da divisão das células de suas vilas “senhoras de seu nariz”, unidas pela fé, a língua e fidelidade a tradições comuns.

OS NÚCLEOS-BASE DA COLONIZAÇÃO

De quatro núcleos-base partiu a colonização no Brasil: São Vicente, Bahia, Pernambuco e Maranhão-Pará. A Capitania de São Vicente (São Paulo depois de 1709) chegou teoricamente a abranger terras dos actuais Estados de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além do território próprio, o que dá aproximadamente 2.500.000 km², mais de 40% do Brasil. Conforme essas regiões iam-se desenvolvendo, a Coroa ia-lhes concedendo vida autónoma, que lhes facilitasse o progresso certa de que esse progresso local era afinal interessante ao bem-comum.

Da Bahia partiu a colonização de Sergipe e do sertão do São Francisco; de Pernambuco, a de todo o Nordeste; e do Maranhão, a do Pará e de toda a Amazônia, inclusive, portanto, a do Amapá.

A TRADIÇÃO E RETALHAR

Depois da Independência só duas unidades políticas foram criadas. A bem dizer uma só, o Paraná (1853), pois o Amazonas (1850) antes de 1822 tivera autonomia, perdida justamente naquele ano. O Acre foi obtido em 1903 da Bolívia e mantido autónomo, apesar das tentativas do Amazonas para abocanhá-lo. Depois disso, só em 1942 houve novo retalhamento, com a criação de mais cinco Territórios, dos quais dois foram extintos, apesar dos protestos de suas populações.

Essa falta de revisão territorial do Brasil independente é aproveitada, pelos inimigos dos Territórios, como “tradição” de nossa política administrativa, quando a tradição, a boa tradição portuguesa, é justamente a contrária: “dividir para melhor governar”. O actual vazio do Oeste e Norte brasileiros é devido, em grande parte, a essa política administrativa que temos seguido.

(Continua na 4.ª página)



Faz do teu trabalho Uma oração

(Continuação da 1.ª página)

lectual, do cientista, mas a modesta arte de carpinteiro.

Homem que trabalhas! não te sintas reduzido pela tua condição, por mais simples que seja. O trabalho é arauto que te anuncia a presença de Deus. É arma honrosa pela qual vences todas as guerras.

Por que te envergonhas pois de trabalhar?... Trabalha. Trabalha sim, mas faz do teu trabalho uma oração. Oferece o teu dia, logo de início, em holocausto ao Senhor.

Há sofrimento, há suor, há desfalecimento, há lágrimas! mas tudo isto na patena do teu ofertório, farte-á mais homem, mais vida, mais amor! É a tua missa que começa!

O teu instrumento de trabalho elevado em conjunto com o pensamento a Deus, são a hóstia da tua missa, do teu sacrifício! Dizia um dia um jovem serralleiro: como é belo um eixo! quando o acabo, revejo-me nele, elevo-o para Deus, como o sacerdote eleva a Hóstia do Santo Sacrifício”.

Rezar, não é só de mãos postas. Rezar é aceitar com resignação as intempéries da vida. Rezar, é conformar-se com a vontade de Deus.

Reza a mãe que, alta noite, acalenta o filhinho que chora; reza o pai que lida sob o peso da enxada, pensando nos filhos, na esposa e no seu sustento; reza o recluso que, às grades da prisão, encara resignado as cadeias que o prendem; reza o rico administrando os seus bens com acerto e auxiliando o pobre; reza o pobre conformando-se com a sua pobreza!

Trabalhem pois. Façamos do trabalho uma oração contínua, aceitando com inteira conformidade todos os pormenores da nossa vida, e, quando após a noite despente o dia, elevemos os nossos corações ao Alto para dizermos: «Meu Senhor Jesus Cristo, ofereço-Vos o meu dia inteiro, o meu trabalho, as minhas lutas, as minhas alegrias e as minhas penas.

D.

«A VANGUARDA»

Entrou no X ano da sua já assinalada publicação este modelar periódico regionalista, que honra, sobremaneira, o título que se impôs e vai sempre na vanguarda a defender ideias sãs e construtivas.

Fazemos os mais sinceros votos porque vá conquistando sempre os mais assinalados triunfos e possa multiplicar por outros dez o número de anos e, ao fim deles, possa ainda fazer a multiplicação do total.

A todos os que nela trabalham e, em especial, a seu dinâmico Director, as nossas calorosas felicitações.

José António Vieira em Vila Verde

(Continuação da página 5)

quatro almudes de vinho por cada fogo, o que lhe não foi de todo mau, porque a pensão elevou-se a cinquenta pipas por ano.

Existem na freguesia e lugar de Santo André as ruínas da torre que D. Egas de Penagate doou ao arcebispo S. Geraldo. Cremos ser esta a que o povo chama actualmente a torre de D. Sapo, lendário ascendente dos D. Juans modernos, cuja história narramos em um dos anteriores capítulos deste livro. A origem de Moure, diz a tradição que deriva da existência dum antigo castelo de mouros, cujos vestígios mal se encontram hoje no monte de Brito, visto ter sido grande parte da pedra da fortaleza empregada na construção da ponte de Prado.

No conto de Moure existiu um mosteiro beneditino fundado por S. Martinho de Dume em 505; e neste sítio se tem descoberto algumas colunas e fragmentos de cantaria lavrada.

Para além de Moure fica a freguesia de Toriz, que da estrada se não avista. É povoação antiquíssima e foi vila, chamada *Tellianus* ou *Teudilarnes*. Segundo Argote, estava esta vila situada de baixo do monte Barbudo, águas vertentes do rio Cavaço.

Foi do antigo concelho de Larim, e há mais de duzentos anos que representa a anexação de duas freguesias então existentes — *Fradelos* e *Toriz*.

Por terras do Império

(Continuação da 1.ª página)

Ministro da Defesa Nacional as seguintes palavras, pronunciadas, em Guimarães, no passado dia 5, que servem para fechar com chave de ouro estas breves considerações:

“Mas nós não fomos a Aljubarrota em 14 de Agosto para no dia 15, no próprio dia da Assunção de Nossa Senhora, Padroeira de Portugal, virarmos as costas ao inimigo e abandonarmos a Índia. Sejam quais forem as dificuldades, por grandes que sejam os riscos, indiferentes a todos os sacrifícios e a todos os perigos, ajoelhados em frente do altar da Pátria nesta cidade de Guimarães, ou de armas na mão e de dentes cerrados em qualquer canto do globo, cobertos pela bandeira de Nossa Senhora da Vitória ou aquecidos pelo calor da nossa fé, enquanto à superfície da terra palpitar um coração português, gritaremos, bem alto, à União Indiana e ao Mundo: Não!”

MARIO MENESES

ASSUMPTA EST

Aurora borbulhante de alegria!
Da natureza a orquestra triunfal,
Na graça do sorriso matinal,
Solta arpejos de esplêndida harmonia...

Com o sol, por entre ondas de melodia,
Penetrando na esfera celestial,
Sobe uma virgem, fronte de cristal...
Levam-na os anjos... oh! que poesia!...

Formosa... deslumbrante... E' Maria!...
E a terra chora... num adeus final...
Excelsa! O' bondosa Mãe de Deus,

Minha meiga Senhora da Assunção,
Sobe... mas, leva o mundo em tua mão...
Oh! leva-o contigo para os céus!...

Francisco Araújo Faria

Festas a

Nossa Senhora do Alívio

No próximo mês de Setembro terão lugar solenes festividades em honra de Nossa Senhora do Alívio, a que a mesa da Irmandade procura dar o maior brilho possível.

No dia 9 do mesmo mês, às 10 horas haverá missa cantada a grande instrumental e às 16 horas (4 da tarde) terço, sermão e bênção do SS.mo Sacramento e em seguida solene Procissão de Nossa Senhora do Alívio.

No dia 16 do mesmo mês, com autorização e recomendação de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, realiza-se a Peregrinação do Arciprestado de Vila Verde ao mesmo Santuário de Nossa Senhora do Alívio, onde haverá missa campal, pelas 12 horas e de tarde, Adoração e Procissão do SS.mo Sacramento.

O Programa das festividades com mais pormenores será publicado no próximo número.

Santuário do Alívio

Foi superior a 1.700 o número de Romeiros, de várias procedências, que nesta quinzena visitaram este Santuário.

O Reitor, P.e José Dias Gomes